DOI: 10.5418/RA2015.1116.0016

RESENHA DO LIVRO "*PARIS - CAPITAL DA MODERNIDADE*" DE DAVID HARVEY.

Roberto José Hezer Moreira Vervloet

Mestrado e doutorado em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador associado ao Laboratório de Geomorfologia do Departamento de Geografia da USP e geógrafo no Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - IEMA do Espírito Santo.

Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. BR -262 KM 0.Jardim América 29140-130 - Cariacica, ES - Brasil

E.mail: rvervloet@usp.br

Foi lançado em junho de 2015 o livro *"Paris: capital da modernidade"* de autoria do geógrafo anglo-saxão David Harvey, pela editora Boitempo, em sua 1º edição, traduzido diretamente do original em inglês *Paris, Capital of Modernity,*da Routledge Inc. versão inglesa. A tradução é de autoria de Magda Lopes com revisão de Artur Renzo; sendo que o livro possui um total de 461 páginas, dividido em 03 partes e subdividido em 18 capítulos, com bibliografia e crédito das ilustrações e excelente índice onomástico, permitindo a busca rápida de autores utilizados como referência, ao longo do texto.

A idéia central dessa obra é a de apresentar um estudo empírico e também aplicado de sua proposta teórico-metodológica denominada materialismo histórico-geográfico, desenvolvida a partir dos estudos da obra de Karl Marx e Friedrich Engels. Os elementos empíricos que permitiram a Harvey desenvolver sua dialética histórico-geográfica, aplicada ao estudo de Paris, foi realizada por meio de três bases empíricas muito bem discutidas no seu livro:análise das artes e a literatura francesa do primeiro quartel do século XIX, apresentada na *Parte I* do livro; o estudo das bases materiais que enseja a constituição do capitalismo como sistema preferencial da modernidade e o seu consequente corpo político, tendo os movimentos históricos ocorridos em Paris como resultado dessa constituição, além da reconfiguração urbana da cidade discutidos na *Parte II*; e o movimento nacional de consolidação da cultura moderna, a partir da análise dos fatores que levaram a queda da Comuna de Paris, em 1871, tendo o capitalismo como sistema econômico de reprodução dessa cultura, na *Parte III* do livro.

O estudo das obras literárias de grandes escritores e pintores franceses do início do século XIX como Honoré de Balzac, Honoré-Victorien Daumier, Henry Duveyrier e Gustave Flaubert, socialistas como Claude-Henri de Saint-Simon, Pierre-Joseph Proudhon e François Marie Charles Fouriere pintores romancistas como Ferdinand Victor Eugène Delacroix, entre outros é realizado de forma mais detalhada na parte inicial

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

do livro (*Parte I*), mas também ao longo do restante da obra, porque Harvey necessita analisar os elementos culturais que prenunciam a chegada dos processos que incidem na modernidade. Seu objetivo era demonstrar como esses pintores, escritores, romancistas e políticos já evidenciavam, de maneira preventiva, os processos que responderiam pela instalação da modernidade, apresentada por ele como o momento de compressão do espaço-tempo, onde o arcaico não condizente com o desenvolvimento do modo de produção capitalista é expurgado da história em movimento e o novo – que servirá como racionalidade fundamental a esse sistema – é assimilado, marcando aí um processo histórico de ruptura. O capitalismo decorrente dessa ruptura é o que enseja na constituição do modo de produção industrial, ou seja, a formação de uma modernidade com valores e costumes culturais associados à escala industrial de produção. Chama atenção no livro a capacidade desse geógrafo de buscar e evidenciar através das fontes literárias e artísticas os elementos necessários àcomprovação de seu método de análise do espaço, ou seja, de como esses autores, escritores e pintores anteciparam, através de suas produções, os fatos que desembocariam nos movimentos revolucionários de 1830, 1848 e 1871 que, segundo Harvey, refletem os processos do materialismo histórico-geográfico no seu pleno movimento. Harvey desfila essa habilidade, também, em outro livro que virou campeão de vendas, intituladoA *Condição Pós-Moderna* publicado em 1989.

Segundo Harvey Paris é o centro geográfico do processo dialético histórico-geográfico e não é mero acaso da história, a cidade conseguia reunir, na ocasião, as condições históricas e espaciais para a ruptura da modernidade,processo fundamental para constituição do capitalismo industrial.

Na *Parte II* do livro o geógrafo marxista aprofunda nos processos espaciais e históricos que ocorreram na cidade entre 1848 e 1870, formadores do movimento da comuna de Paris em 1871. Harvey relata que o fato de Paris ter aberto o caminho e assumido a saída revolucionária não foi um fato fortuito. Havia uma velha tradição revolucionária que levava seus cidadãos a fazer interpretações políticas ao menor sinal de dificuldade econômica, tomar as ruas, montar barricadas e proclamar seus direitos como os direitos do homem. Entretanto, outros fatores que sufocavam a cidade eram a verdadeira rede de práticas sociais e infraestruturas do século XVIII que dominavam a manufatura, as finanças, o comércio, o governo e as relações de trabalho, sem falar do modelo ainda em grande parte medieval das infraestruturas físicas, ao qual essas atividades e práticas estavam confinadas. E tal arcaísmo urbano era incompatível com a organização capitalista cada vez mais sofisticada e eficiente da produção e do consumo que emergia nas cidades manufatureiras da Grã-Bretanha, Bélgica, Alemanha, Áustria e até em algumas regiões da França.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Para tentar superar esse atraso Napoleão III, ao tornar-se imperador da França, realiza uma série de projetos urbanísticos que irão moldar a cidade, levados a efeito por Georges-Eugene Haussmann – prefeito do departamento regional que incluía Paris e outras cidades – e que foi responsável pela reforma urbana da cidade. Harvey vai demonstrar que o projeto de Haussmann não somente molda a arquitetura da cidade, o seu espaço urbano, mas, principalmente, condiciona a transformação das relações espaciais e sociais, com a construção de uma rede gigantesca de ferrovias e rodovias em toda a França – tendo Paris como centro de convergência – edificação de grandes avenidas, construção de pontes, prédios públicos, deslocamentos de indústrias, transformação urbana do centro da cidade e da sua periferia, construção de uma complexa rede de esgoto, moradias e conjuntos habitacionais, etc. Ao mesmo tempo, demonstra Harvey, a dinâmica econômica e social da cidade, a partir desses projetos, se modifica profundamente, através da concessão de créditos públicos e formação de instituições financeiras a elas relacionadas, tendo como resultante a gênese de uma burguesia financeira e industrial sempre insatisfeita com a ordem institucional imperante, que considerava a monarquia de Napoleão III um atraso. Concomitantemente, ocorre à instalação de uma classe trabalhadora heterogênea, resultado da incipiente gênese do capitalismo industrial que, a partir das contradições instaladas no coração da capital, irá desencadear os conflitos com o Estado arcaico e com a burguesia industrial conflitante e dominante. É neste contexto que ocorrerá a grande discussão entre proudhonistas, socialistas e comunistas, segundo Harvey, com cada corrente defendendo um ponto de vista diferente sobre as contradições existentes no seio do embrionário capitalismo industrial.

Ao longo de toda *Parte II* do livro um conjunto fabuloso de fatos históricos e espaciais são relatados, visando listar os elementos responsáveis pela dialética histórico-geográfica que precedeu o capitalismo industrial moderno. Harvey lista vários elementos, entre os principais, destaque deve ser dado às discussões presente no seio da sociedade parisiense do papel que a mulher deveria realizar na família burguesa e no mundo do trabalho, e as tensões entre gênero e classe e feminismo e socialismo. Os embates e as posições retrógradas de Proudhon sobre o papel da mulher na sociedade são discutidos. Para os que pensam que feminismo é uma questão atual, deveria saber que entre os anos de 1840 a 1871 esse tema foi objeto de acirrados debates entre os socialistas, e, sobretudo na Paris que antecedeu a comuna. Harvey salienta o papel que o sindicato das mulheres teve na Comuna de Paris e de como as prostitutas e os bordéis moldaram os comportamentos e valores burgueses. Não é mero acaso que o moralismo e a hipocrisia social reinavam na vida pública parisiense do século XVIII.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Outras questões elementares de grande importância nesta parte do livro dizem respeito à reprodução da força de trabalho e as crises de superacumulação capitalista que o Estado monárquico francês tinha que lidar; a cultura de consumo, espetáculo e lazer oriundos da transição para a modernidade e a questão entre comunidade e classe social. Harvey destaca o quanto foi importante para a formação da comuna o fato de que uma parte da classe trabalhadora e população viverem em comunidades e bairros com os mesmos problemas, estabelecendo relações de classe muito mais associadas a fatos urbanos do que necessariamente a uma estratificação social. Ele destaca que os projetos de Haussmann e a transformação da terra e do mercado imobiliário parisiense abalaram não só a estrutura socioespacial da cidade, mas as noções tradicionais de comunidade, as transformações nas estruturas financeiras e nos processos de trabalho que também impactaram a base material das relações de classe. Ele defende de forma bem evidente que havia identificações de classe relacionadas a locais, bairros e até comunidades. Destaca que os marxistas que se recusam a reconhecer a importância da comunidade na formação da solidariedade de classe estão seriamente equivocados, assim como igualmente cegos àqueles que afirmam que a solidariedade da comunidade nada tem a ver com a classe social, ou seja, os signos de classe e consciência de classe são tão importantes no espaço de vivência quanto no de trabalho. Aqui, Harvey abre um campo fenomenal de pesquisa entre o papel que o lugar tem na formação da consciência de classe – quemuitos geógrafos não têm conseguido trabalhar sobre a perspectiva marxista geográfica – e a importância da concepção de classe para entendimento da comunidade. Ele chega, indiretamente, a uma questão que também era trabalhada por Milton Santos, sob qual a força do lugar na constituição da consciência necessária para o estabelecimento da concepção de classe social e de resistência à racionalidade global, a partir da razão local. O lugar pode ser visto como um campo de forças que reflete a dialética histórico-geográfica da racionalidade global objetivando penetrar, transformar, dominar a racionalidade local, fruto da identificação de classe relacionada ao próprio lugar.

Por fim, na *parte III* do livro, Harvey apresente um fato histórico simbólico sobre a queda da Comuna de Paris em 1871. A construção da basílica de Sacré-Coeur que simboliza a tentativa dos católicos conservadores franceses de restabelecer princípios religiosos na França que buscava já consolidar a separação entre Estado e Religião.De acordo com Harvey a basílica de Sacré-Coeur evidencia a associação, importante para compreensão do que aconteceu após a queda da comuna, entre o culto do Sagrado Coração de Jesus e o monarquismo reacionário do antigo regime francês e que levou os adeptos do culto a se mostrarem totalmente contrários aos princípios da Revolução Francesa. Por outro lado os que acreditavam nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, propensos a

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

assumir posturas e práticas radicalmente anticlericais, dificilmente se encantavam com esse culto. O teor latente de vontade revolucionária na França a tornava um lugar não mais simpático a esta forma de culto. O resultado foi o forte conflito entre segmentos da Igreja e sociedade burguesa francesa querendo terminar a construção da basílica, como forma de prestar homenagem aos vitoriosos da revolução e repudio aos trabalhadores derrotados, e os segmentos da sociedade que não vinham com bons olhos o retorno a qualquer forma de clericalismo; considerado um tipo arcaico de convivência social, para uma França já com os pés na modernidade. O tempo passou e somente no início do século XIX a basílica foi concluída, no entanto, devido aos acirrados debates sobre sua simbologia, ela já não refletia mais as intenções iniciais de seu projeto. Fato que demonstra como num curto espaço de tempo o capitalismo industrial conseguiu reverter o simbolismo cultural de um elemento religioso que antes representava o arcaico.

O livro de Harvey tem o grande mérito de mostrar como história e geografia se relacionam na perspectiva de análise marxista do capitalismo. No entanto, em alguns momentos, sua narrativa é árida e parte do princípio de que o leitor tem bons conhecimentos dos fatos históricos ocorridos na França. Questão que poderia ser corrigida com textos complementares sobre os principais fatos históricos narrados, evitando assim dificuldade na compreensão das informações históricas transmitidas para quem não tem conhecimentos sobre a história da França. Entretanto, não perde o mérito de ser uma grande obra por evidenciar como a sua proposta teórica fundamentada na dialética histórico-geográfica marxista possibilita a compreensão da gênese do capitalismo industrial moderno nestes tempos de desvalorização do pensamento marxista dialético.

Artigo recebido em 23 de dezembro de 2015.
Artigo aceito em 28 de dezembro de 2015.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X